SOBRE O AUTOR
PETER CARL FABERGÉ (1842-1920)

A família Fabergé é uma tradicional família de joalheiros russos, cujas peças eram muito requisitadas na corte Romanov do fim do século XIX e no início do século XX. Suas origens, entretanto, não são eslavas. A família é nativa da Picardia, região do norte da França. De confissão huguenote, os Fabergé sofriam uma grande perseguição religiosa. Em 1685, com a revogação do Edito de Nantes, eles e outras famílias protestantes não tiveram alternativa senão buscar refúgio em territórios mais tolerantes, principalmente nos Países Baixos e nos reinos alemães. Esse período de migração, e reestabelecimento da família em outros lugares, é de difícil estudo para os biógrafos da família. E embora não esteja confirmado, acredita-se que um ourives de Wüttemberg, chamado Farberger, ou Farbiger, esteve a serviço da imperatriz Catarina, a Grande, por volta do século XVIII, e este seria o primeiro Fabergé a chegar na Rússia (SNOWMAN, 1964).

Apesar desta lenda familiar, a história dos Fabergé na Rússia é datada, com precisão, a partir do século XIX. Conta-se que a família mudou a grafia do nome duas vezes, primeiro para Fabri, depois para Fabrier, de forma a facilitar sua saída da França.

Fixaram-se, posteriormente, perto da cidade germânica de Stettin, e dali circularam por toda a região do litoral báltico, então território russo. Chegando na região, a família se sentiu segura para retomar a grafia original do seu nome e foi em Pernau, atualmente Pärnu, na Estônia, que nasceu Gustav Fabergé, o patriarca e fundador da famosa joalheria. A Companhia Fabergé inicia suas atividades em 1842, quando Gustav Fabergé estabelece sua oficina no distrito do Almirantado, na cidade de São Petersburgo, então capital do império russo (SNOWMAN, 1964).

A mudança da capital imperial, saindo de Moscou e indo para São Petersburgo, no início do século XVIII, atraiu um grande número de artesãos e trabalhadores especializados, vindos de diversas partes da Europa. Gustav Fabergé parece também ter se beneficiado dessa mudança, pois teve a oportunidade pagar os estudos de seu filho, Carl, em uma das mais requintadas escolas de São Petersburgo. Carl Fabergé nasceu em 1846 e teve educação esmerada. Além de frequentar uma boa escola inicial, estudou artes em Dresden e em Frankfurt, na Alemanha. Foi aprendiz de diversos ourives e joalheiros de renome, absorvendo diversas técnicas. Teve também uma passagem por Paris, onde explorava as coleções de artes aplicadas do Louvre e do Palácio de Versalhes. A dedicada formação de Carl seria crucial e certamente elevou o valor artístico da companhia, pelo qual é conhecida até hoje.

Em 1872, Carl Fabergé toma a direção da empresa familiar e seus produtos alcançam fama internacional. Sua mais famosa criação são os ovos de páscoa presenteados pelos czares Alexandre III e Nicolau II às suas esposas e familiares. Carl também foi responsável pelo inventário e manutenção da coleção de joias imperial. (SNOWMAN, 1969). Produzindo quase 300.000 itens ao longo de sua existência, contando com quase 500 empregados, a Companhia Fabergé encerrou suas atividades na Rússia após a revolução bolchevique, em 1917. Em 1918, Carl Fabergé foge do país usando documentos falsos, fornecidos pela embaixada britânica. Morre em Lausanne, Suíça, dois anos depois. Os filhos de Carl Fabergé continuaram o negócio da família em Paris, até fechar definitivamente na década de 1950 (HABSBURG, 1994).

A CAIXINHA *DIANA* DA COLEÇÃO EVA KLABIN

A Coleção Eva Klabin possui um vasto acervo de arte decorativa, que abrange mobiliário, tapeçaria, cerâmica e prataria. No esforço de deixá-las acessíveis ao público, algumas não recebem o destaque merecido. Mas o visitante atento, ao observar as pequenas peças da prateleira de vidro da Sala Verde, pode apreciar

Figura 1
COMPANHIA FABERGÉ (atribuição)
Caixinha de rapé, século XIX
Ouro esmaltado e incrustado de metal
Rio de Janeiro: Casa Museu Eva Klabin (BR)

uma pequena caixa de rapé atribuída à Companhia Fabergé, datada do século XIX (Fig. 1). A tampa da caixa traz uma cena mitológica da deusa Diana, deusa da caça, da fertilidade e dos animais selvagens. A deusa, centralizada na cena, é facilmente reconhecida pelos seus atributos. Em sua cabeça, uma tiara com o símbolo de uma lua crescente alude à sua posição como deusa lunar do panteão romano, em oposição a seu irmão Febo (Apolo na tradição grega), o deus solar. Ao seu lado, o arco da deusa repousa junto com os animais provenientes de sua caçada. Uma ninfa acompanha a divindade em seu repouso.

A peça faz uma referência direta ao quadro *Diana saindo do banho* (Fig. 2), do pintor francês François Boucher (1703-1770). A tela faz referência ao mito de Diana e Acteão, conforme narrado pelo poeta romano Ovídio (1844). Acteão era um príncipe da cidade-estado de Tebas, que passou um dia inteiro caçando com amigos perto de uma gruta dedicada à Diana. Vagando pela floresta, sozinho, ele chega à gruta de Diana e a encontra junto de suas ninfas, nua, preparando para banhar-se. Diana, furiosa, transforma Acteão em um cervo. Com medo, o príncipe foge da deusa furiosa, que enfeitiça seus próprios cães de caça, que o atacam até sua morte. A imagem de Boucher alude especificamente à cena do banho, que preenche a maior parte da tela. A referência a Acteão encontra-se no canto inferior esquerdo da cena,

Figura 2
FRANÇOIS BOUCHER (1703-1770)
Diana saindo do banho, 1742
Óleo sobre tela
Paris: Museu do Louvre (FR)

onde percebe-se a presença de alguns cães de caça, ausentes na imagem da caixa de rapé. Pode-se perceber que o artesão da caixa de rapé manteve-se fiel à narrativa de Boucher, aproveitando o diminuto espaço com maestria para manter o essencial da imagem, e que fosse facilmente reconhecida.

Durante o tempo auxiliando na manutenção e inventário da coleção de joias imperiais, Fabergé conseguiu autorização para copiar alguns dos exemplares e fazer réplicas para venda em sua oficina. Por volta de 1882, participa de uma feira de arte e exibe algumas dessas peças. Um par de abotoaduras em forma de cigarra, símbolo antigo de sorte, chama a atenção da imperatriz, que compra as peças para o czar Alexandre III. A notícia da compra, mais o prêmio ganho na feira, adicionam renome à oficina. Em 1899, com autorização imperial, Fabergé produz uma cópia (Fig.3) de uma caixa de rapé do francês Joseph-Etienne Blerzy, produzida em 1777, e pertencente à coleção imperial (Fig.4). A qualidade do trabalho impressiona o czar, que ordena que o original francês e a cópia de Fabergé fossem exibidas lado a lado (HABSBURG, 1994).

Esses primeiros trabalhos de Carl Fabergé, à frente da oficina familiar, aliavam a técnica dos ourives alemães com o estilo decorativo dos artistas franceses, especialmente dos séculos XVIII e XIX. Suas caixas de rapé eram inspiradas nos estilos

Figura 3
PETER CARL FABERGÉ (1842-1920)
Caixa de rapé, século XIX
Ouro, pedras preciosas e esmalte
Coleção particular (US)

Figura 4
JOSEPH-ETIENNE BLERZY (1735 - 1821)
Caixa de rapé, c. final do século XVIII
Metal esmaltado e pedras preciosas
Coleção particular (US)

Luís XV e Luís XVI, copiando a técnica do esmalte a pleno (*en plein*), que cobria grandes superfícies com uma camada fina de esmalte (SNOWMAN, 1974). A julgar pelo histórico de produção de Fabergé, e pela preferência pelos modelos franceses de caixas de rapé, a caixa da CMEK pode ser datada da segunda metade do século XIX, entre os anos de 1870 e 1890, caso a atribuição seja confirmada (HABSBURG, 1994).

OS OVOS FABERGÉ

Apesar de sua produção diversificada, que atendia também as demandas da burguesia urbana russa por artigos de luxo, o nome da família Fabergé está irremediavelmente associado com os luxuosos ovos de páscoa, presenteados entre os membros da família imperial russa. Símbolo de fertilidade desde a antiguidade, os ovos são associados, na Páscoa, com o milagre da Ressurreição de Cristo. É um gesto tradicional de Páscoa presentear parentes e amigos com ovos pintados e decorados, mas tornou-se um hábito de luxo na corte francesa, a partir do reinado de Francisco I. Artistas como Watteau, Boucher e Lancret eram requisitados para decorar ovos a serem presenteados na corte francesa. Com o tempo, os joalheiros reais passaram a exercer tal tarefa (SNOWMAN, 1964).

O próprio Carl Fabergé foi o responsável por sugerir esse luxuoso presente ao czar Alexandre III. Sem explicitar os detalhes, o joalheiro apenas informou ao czar que o ovo seria semelhante a um ovo de galinha, contendo em seu interior uma "gema" de ouro, que traria ainda uma pequena galinha de ouro, onde se guardaria uma joia com a miniatura da coroa imperial. O czar aprovou o projeto e o primeiro ovo Fabergé foi dado a czarina Maria Feodorovna (nascida princesa Dagmar da Dinamarca), por volta de 1884 (Fig. 5). A partir de então, Alexandre III encomendou diversas dessas joias

Figura 5
PETER CARL FABERGÉ (1842-1920)
Ovo de Páscoa ("Ovo de galinha"),
c. 1884.
Ouro esmaltado e pedras preciosas
São Petersburgo: Museu Fabergé (RU)

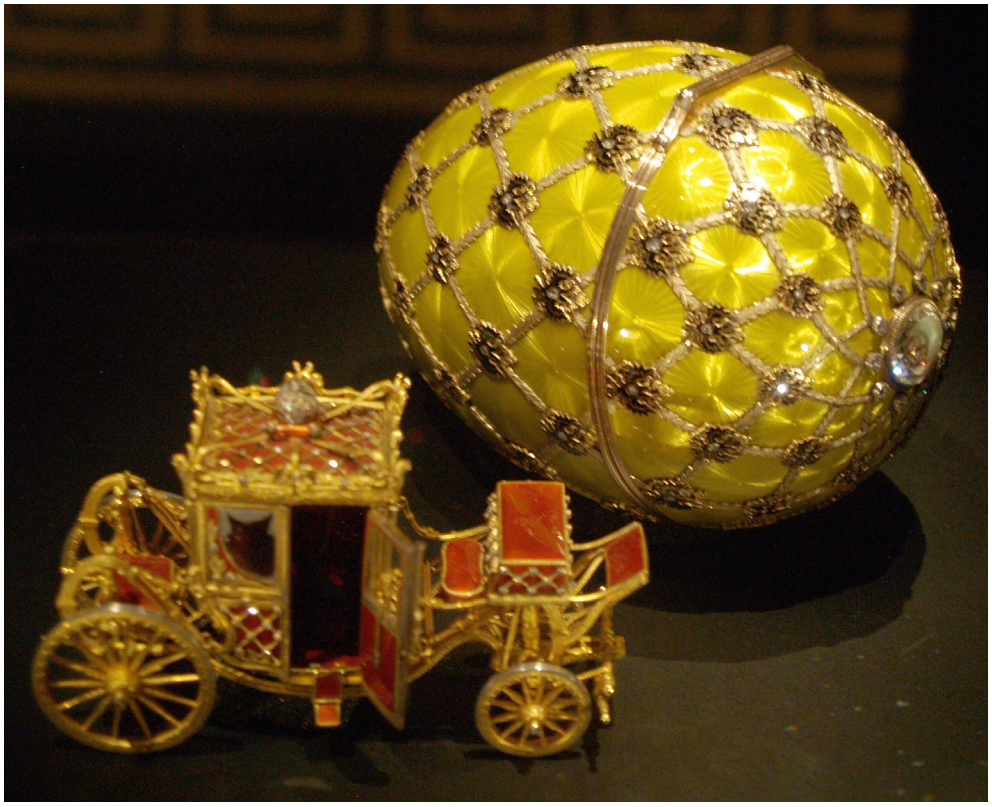

Figura 6
PETER CARL FABERGÉ (1842-1920)
Ovo de Páscoa ("Ovo Coroação"), 1897
Ouro esmaltado e pedras preciosas
São Petersburgo: Museu Fabergé (RU)

para presentear familiares em ocasiões especiais. O desenho do ovo ficaria sob a responsabilidade direta de Fabergé, sendo a única exigência do czar que a peça sempre viesse com uma surpresa dentro (SNOWMAN, 1964).

Seu sucessor, o czar Nicolau II, seguiu a mesma tradição do pai e os ovos Fabergé mais famosos hoje foram produzidos durante o seu reinado. Para a Páscoa de 1897, a primeira do novo czar e sua família, o monarca encomendou a Fabergé um ovo a ser presenteado para sua esposa, a czarina Alexandra Feodorovna (nascida princesa Alice de Hesse). O ovo (Fig. 6), todo de ouro e pedras preciosas, traz em todo o seu entorno a água bicéfala, símbolo imperial da Rússia e emblema da dinastia Romanov. Em uma extremidade está gravado o monograma da czarina, enquanto na outra encontra-se o ano de 1897. A surpresa dentro do ovo consiste de uma miniatura da carruagem imperial, utilizada na coroação de ambos. A czarina, em retribuição, presenteou o marido com uma caixa de rapé (Fig.7) decorada com os mesmos emblemas, e com o monograma do czar na tampa (SNOWMAN, 1964).

Um dos últimos ovos de páscoa produzidos por Fabergé, para a família Romanov, é simbólico em diversos sentidos. O "Ovo Cruz Vermelha" (Fig. 8),

Figura 7
PETER CARL FABERGÉ (1842-1920)
Caixa de rapé ("Caixa Coroação"),
c. 1897
Ouro esmaltado e pedras preciosas
São Petersburgo: Museu Fabergé (RU)

Figura 8
PETER CARL FABERGÉ (1842-1920)
Ovo de Páscoa ("Ovo Cruz Vermelha"), 1915
Prata esmaltada e pedras preciosas
Richmond: Museu de Belas Artes da Virgínia (US)

encomendado por Nicolau II e presenteado à sua mãe, em 1915, homenageia os esforços de guerra da imperatriz-mãe Maria Feodorovna à frente da Cruz Vermelha russa, primeiro como enfermeira (durante a Guerra Russo-Turca de 1877) e depois como presidente da organização. Feito de prata esmaltada, é decorado com duas grandes cruzes esmaltadas de vermelho, gravadas com as datas de 1914 (ano de início da Primeira Grande Guerra) e 1915 (ano em que o ovo foi presenteado). À volta do ovo, uma inscrição em caracteres cirílicos traz o texto do Evangelho de João [15:13], que diz: "ninguém tem amor maior do que este, de dar alguém a própria vida pelos seus amigos". A surpresa do ovo são retratos da czarina Alexandra, das grã-duquesas Olga e Tatiana (filhas do czar), da grã-duquesa Olga Alexandrovna (irmã do czar) e da grã-duquesa Maria Pavlovna (sobrinha do czar), todas vestidas com o uniforme de enfermeira da Cruz Vermelha. Os eventos dramáticos da Primeira Guerra Mundial, cujo alto número de mortes foi atribuído à incompetência do czar, foram o estopim da revolução bolchevique de 1917, que deporia a dinastia Romanov e levaria ao exílio a família Fabergé.

BIBLIOGRAFIA

HABSBURG, Géza von. *Carl Fabergé*. Nova Iorque: H. N. Abrams, 1994.

OVÍDIO. *Metamorfoses*. 1 v. Nova Iorque: Harper & Brothers, 1844.

SNOWMAN, Abraham Kenneth. *The art of Carl Fabergé*. New York Graphic Society, 1964.